



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAIBA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
COORDENAÇÃO DO CURSO DE LETRAS PORTUGUÊS

MARIA SUÊNIA GOMES SOARES

A CONVERSÃO EM
“A HORA E VEZ DE AUGUSTO MATRAGA”,
DE GUIMARÃES ROSA

JOÃO PESSOA

2024

MARIA SUÊNIA GOMES SOARES

**A CONVERSÃO EM “A HORA E VEZ DE AUGUSTO MATRAGA”, DE
GUIMARÃES ROSA.**

Trabalho apresentado à Coordenação do
Curso de Letras Português da
Universidade Federal da Paraíba, como
requisito para obtenção do grau de
Licenciada em Letras, Habilitação em
Língua Portuguesa.

Orientador: Prof. Dr. Arturo Gouveia de
Araújo

JOÃO PESSOA

2024

Seção de Catalogação e Classificação
Catalogação na publicação

FICHA CATALOGRÁFICA

S676c Soares, Maria Suênia Gomes.

A Conversão em "A hora e vez de Augusto Matraga" de
Guimarães Rosa / Maria Suênia Gomes Soares. - João
Pessoa, 2024.
36 f.

Orientador: Arturo Gouveia de Araújo.

TCC (Graduação) - Universidade Federal da
Paraíba/Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes.

1. Guimarães Rosa. 2. Conto. 3. Conversão. I.
Araújo, Arturo Gouveia de. II. Título.

UFPB/CCHLA

CDU 82-34

MARIA SUÊNIA GOMES SOARES

**A CONVERSÃO EM “A HORA E VEZ DE AUGUSTO MATRAGA”, DE
GUIMARÃES ROSA.**

Aprovada em: ____/____/____.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Arturo Gouveia de Araújo (Orientador)

Doutor em Literatura Comparada
Universidade Federal da Paraíba

Profa. Dra. Vanessa Neves Riambau Pinheiro

Doutora em Literatura
Universidade Federal da Paraíba

Prof. Dr. Hélio Santiago Rodrigues Abdala

Doutor em Literatura
Universidade Estadual da Paraíba

Este trabalho é dedicado à menina do interior tão sonhadora que eu fui um dia e a tantas outras, para que possam acreditar que, apesar das circunstâncias, todos os sonhos são realizáveis.

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, agradeço a Deus, por me permitir alcançar meus objetivos durante esses anos de estudos. Pois foi necessária muita força, saúde e determinação, para chegar até aqui, já que surgiram alguns obstáculos ao longo dos anos de curso e, na reta final, as dificuldades aumentaram. Sem as bênçãos dele, eu não conseguiria concluir este trabalho.

Também agradeço aos meus familiares, por sempre me apoiarem a estudar, por sempre me ajudarem no decorrer dos anos de curso. Em especial, a minha mãe, Ana, minha irmã, Suelen Soares, meu esposo, Laion Klebson, e minha filha, Maria Cecília. Além disso, agradeço por compreenderem minha ausência em alguns momentos em que precisei me dedicar à vida acadêmica, principalmente nessa fase de elaboração do Trabalho de Conclusão de Curso.

Agradeço ao professor Arturo Gouveia, por ter aceitado ser meu orientador e ter desempenhado essa função com excelência, zelo, empatia e dedicação.

Aos amigos que fiz durante o curso, especialmente Yasmin, Vânia, Elizama, Paulinha, Zilda, Isaías, Gil Anderson, Geimerson, agradeço pelo companheirismo, pela troca de experiências, pelas conversas que tornaram nossos dias mais leves e alegres.

Todas as pessoas que passaram por mim permitiram-me crescer não só como formanda, mas também como uma pessoa mais humana.

RESUMO

Este trabalho apresenta proposta de análise do conto “A hora e vez de Augusto Matraga”, de Guimarães Rosa, do livro *Sagarana*. Examina-se o tema religioso da conversão, um dos legados culturais do catolicismo no interior do Brasil, desde a colonização. O objetivo é observar o perfil do herói na busca da salvação espiritual, à luz de alguns conceitos teológicos.

Palavras-chave: Guimarães Rosa; conto; conversão.

ABSTRACT

This work presents a proposal to analyze the short story “A hora e vez de Augusto Matraga”, by Guimarães Rosa, from the book *Sagarana*. The religious theme of conversion is examined, one of the cultural legacies of Catholicism in the interior of Brazil, since colonization. The objective is to observe the profile of the hero in the search for spiritual salvation, in the light of some theological concepts.

KEYWORDS: Guimarães Rosa; short story; conversion.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	10
2 PROPOSIÇÃO DO TRABALHO	11
2.1 Apresentação das componentes	11
2.2 Contextualização da obra	11
2.3 Justificativa das escolhas.....	13
3 A FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	15
4 A ANÁLISE TEXTUAL	21
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	35
6 BIBLIOGRAFIA	36

INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem como objetivo a análise da conversão no conto “A hora e vez de Augusto Matraga”, um dos nove contos do livro *Sagarana*, de Guimarães Rosa.

A proposta é estudar o conto de uma forma minuciosa, para compreendermos a transformação que o personagem principal, Nhô Augusto, sofre no decorrer da narrativa, pontuando os principais aspectos que o levam a sua verdadeira conversão.

Nosso trabalho será dividido em três partes.

Na primeira parte, apresentaremos o *corpus* e a categoria a ser investigada, juntamente com os textos teóricos e críticos que utilizaremos para embasar nossa pesquisa. Nessa parte, nós também faremos uma contextualização sobre a obra, da qual faremos a análise e justificaremos as escolhas das componentes, pontuando a importância de cada uma delas para nossa investigação.

Na segunda parte, nos debruçaremos sobre os textos teóricos escolhidos para esse estudo. Iremos percorrer os pontos mais relevantes para a nossa pesquisa, fazendo sempre um paralelo entre as afirmações dos teóricos e nossa categoria analítica, buscando, dessa forma, compreender as causas das mudanças tais radicais do personagem principal em sua personalidade.

A terceira e última parte é a mais importante, pois faremos uma análise textual do conto, apontando as partes mais importantes da narrativa no que diz respeito à conversão do protagonista. Confrontaremos esses trechos com os textos críticos e teóricos. E, assim, chegaremos a uma compreensão mais ampla de como a conversão é representada no conto, analisando a presença de fatores que influenciam a jornada espiritual de Nhô Augusto.

I - PROPOSIÇÃO DO TRABALHO

1. Apresentação das componentes

Este trabalho pretende analisar o conto “A hora e vez de Augusto Matraga”, de Guimarães Rosa¹. A categoria a ser investigada é a conversão do personagem principal do conto, Nhô Augusto. Como embasamento teórico, utilizaremos a *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia*, volumes 1 e 2, organizada por Russell Norman Champlin² e o *Dicionário Bíblico*, de John L. Mckenzie³. Recorremos também a *Mínima mímica*, em especial o ensaio “Matraga: sua marca”, de Walnice Nogueira Galvão⁴ e “A vontade Santa”, de Maria Sylvia de Carvalho Franco⁵.

2. Contextualização da obra

Guimarães Rosa nasceu em 1908 e faleceu em 1967. É um consagrado escritor brasileiro, fez parte da terceira geração do Modernismo, movimento este caracterizado pelo rompimento com as técnicas tradicionais do romance.

Sua obra mais conhecida é o romance *Grandes Sertão: Veredas*, publicado em 1956. Além desta obra, podemos citar outras, como o livro de contos *Sagarana*, lançado em 1946, que foi seu primeiro livro, em que o autor reúne nove contos: “O burrinho pedrês”, “Traços biográficos de Lalino Salãthiel ou A volta do marido pródigo”, “Sarapalha”, “Duelo”, “Minha gente”, “São Marcos”, “Corpo fechado”, “Conversa de bois” e “A hora e vez de Augusto Matraga”. É uma obra regionalista, com caráter universal, já que retrata a vida do sertanejo e temas gerais, como o amor, a violência, a morte, o conflito entre o bem e o mal e a espiritualidade.

“A hora e vez de Augusto Matraga” ocorre no sertão de Minas Gerais, marcado pela violência e vingança. O personagem principal é Nhô Augusto, um

coronel dono de muitas terras, visto por muitos como um sujeito valente e impiedoso. Muitos o reconhecem pela frieza e perversidade. Ele é casado com Dona Dionóra e pai de Mimita. Devido a sua afeição ao jogo e às várias mulheres com quem ele se envolve, aos poucos vai perdendo sua fortuna. Quando seus capangas percebem que seu patrão está perdendo seus bens e está deixando de pagar-lhes, resolvem abandoná-lo, trocando-o por seu inimigo, o Major Consilva.

Ao tomar conhecimento dos fatos ocorridos, Nhô Augusto decide comprar briga com o Major, mas no meio do caminho é atacado violentamente e humilhado pelos capangas do seu inimigo. Nhô Augusto cai de um barranco, e os capangas dão-no como morto. Mas um casal de pretos velhos encontra-o à beira da morte e cuidam dele.

Durante o processo de recuperação, Nhô Augusto recebe a visita de um padre que o aconselha a deixar a vida de antes e construir uma vida nova, cheia de arrependimento, devoção e muito trabalho.

Nhô Augusto decide seguir os conselhos do padre e se converte. Saindo do Murici, leva uma vida de muita oração e trabalho no único pedaço de terra que lhe resta no povoado do Tombador. Mas, mesmo indo para tão longe do Murici, Nhô Augusto teve o desprazer de encontrar-se Tião da Thereza, que lhe traz notícias muito tristes.

Num certo dia, sente-se muito tentado com a chegada do jagunço Joãozinho Bem-Bem e seu bando, que se hospedam em sua casa, e na hora da partida convidam-no a juntar-se a eles. Nhô Augusto recusa o convite. O bando segue viagem e ele continua sua vida de muito trabalho, penitência e oração.

Saindo do Tombador, Nhô Augusto se encontra com Joãozinho Bem-Bem e seu bando, no sítio Rala Coco, onde os jagunços planejam punir a família de um assassino fugido. Nhô Augusto não concorda com a condenação da família e implora a Joãozinho Bem-Bem para que ele poupe aquela pobre família, mas Joãozinho Bem-Bem se recusa e Nhô Augusto intervém para fazer justiça. Inicia-se uma briga generalizada entre Nhô Augusto e os jagunços de Joãozinho Bem-Bem, mas o combate final é entre os dois e, durante a briga, Joãozinho Bem-Bem e Nhô Augusto acabam morrendo.

Nhô Augusto morre com uma personalidade totalmente contrária à do início do conto. Se no início ele era visto como um homem mau, frio e impiedoso, de que todos sentiam medo, agora ele morre como um homem bom, que deu sua vida em prol da vida de pessoas inocentes que ele nem conhecia. A sua morte pode ser até comparada com a morte de um santo mártir.

4. Justificativa das escolhas

A justificativa do *corpus* se dá pelo fato de ele se diferenciar dos demais contos de *Sagarana*. Dos nove contos desse livro, “A hora e vez de Augusto Matraga” é o único que retrata o trajeto do personagem em dois extremos: no início, em um leilão, arrebata uma mulher para a prostituição; no final, aparece como um justiceiro e se sacrifica para salvar uma família.

A categoria que iremos abordar neste trabalho, a conversão, revela, ao contrário do homem impetuoso e violento que aparece no início, a mudança significativa sofrida pelo personagem, ao ponto de tornar-se bondoso e religioso. Esta categoria merece ser analisada para que possamos compreender como se deu esse processo de conversão do personagem, ou seja, todo o trajeto que faz mudar tão drasticamente a pessoa que ele era no início do conto, para o Augusto Matraga do final.

A fundamentação teórica e a fortuna crítica contêm definições que ajudam a compreender os aspectos que causam a profunda transformação do personagem. Nesse contexto, a *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia*, volumes 1 e 2, o *Dicionário Bíblico* e os textos críticos de Walnice Nogueira Galvão e Maria Sylvia de Carvalho Franco contribuem para uma melhor compreensão da categoria analisada.

A fundamentação teórica nos traz conceitos fundamentais para que possamos estudar mais profundamente alguns termos que estão relacionados a nossa pesquisa, como “conversão”, “salvação”, “arrependimento” “escatologia”. A utilização dessas Enciclopédias e Dicionário Bíblico nos levará a uma compreensão mais ampla dos conceitos desses termos que envolve a temática da nossa pesquisa.

A fortuna crítica das autoras citadas acima nos traz diferentes opiniões relacionadas ao tema investigado, o que poderá fazer com que concordemos com alguns pontos, mas podemos discordar em outros.

Desta forma utilizaremos os materiais como forma de apoio e contribuição para fundamentar nosso trabalho.

II - A FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

O conto “A hora e vez de Augusto Matraga” traz uma história de redenção e espiritualidade, pautada no processo de conversão do personagem principal, Nhô Augusto. Ao longo do enredo o personagem passa por uma transformação, passa do mal ao bem, da vida de perdição à salvação. Para que possamos compreender melhor o que é a conversão, vamos analisar a citação do verbete da *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia*:

“Conversão. Latim, **com** (totalmente) + **vetere** (virar), portanto, fazer uma mudança radical, girar completamente. No hebraico temos *sub*, que significa girar ou voltar, que é usado em ações físicas, morais e espirituais. No grego temos *epistrepho*, que tem estes mesmos significados e usos.” (CHAMPLIN, 2011, p. 892).

Por meio dessa citação, podemos entender que conversão é uma mudança radical que o indivíduo se propõe a fazer em busca da salvação. Isso se reflete em ações físicas, morais e espirituais. No conto, podemos analisar essa mudança radical nas ações físicas de Nhô Augusto, quando ele começa a seguir as orientações do padre em relação ao trabalho braçal. Seus dias são sempre de muito trabalho embaixo de um sol escaldante. Esse esforço é oferecido como penitência em expiação dos seus pecados, juntamente com muitas orações.

Já no que diz respeito às mudanças morais, ele abandona a vida de boêmia, de mulhereço, de bebedeira e violência, transformando-se em um novo homem, ao ponto de não querer olhar mais para mulher nenhuma. Mesmo quando se sente tentado, desvia o olhar, se afasta e vai rezar. O mesmo acontece quando ele ouve o barulho de som tocando, ou até mesmo quando ele é tentando a seguir com o grupo de Joãozinho Bem-Bem, o que o levaria a viver uma vida baseada em violência.

No que se refere à espiritualidade, ele lembra bem dos conselhos do padre todos os dias. Ele fortifica seu espírito com muito trabalho manual, procura sempre fazer o bem, ajudar às pessoas em sua volta. Quando algo quer desviá-lo do caminho de conversão que ele trilha em busca da salvação, ele

repete a jaculatória que o padre lhe ensinou: “Jesus, manso e humilde de coração, fazei meu coração semelhante ao vosso...”.

Nhô Augusto tem um novo propósito de vida após sua experiência de quase morte. Mas, para chegar a esse propósito, ele precisa que aconteça essa mudança radical em sua vida e é algo que só depende dele. Essas mudanças só podem partir dele, pois a meta que ele tanta busca é individual.

No contexto bíblico, um exemplo radical do que é conversão foi a trajetória do apóstolo Paulo. Ele era um homem muito violento que perseguia e assassinava os cristãos, não poupava nem mesmo as mulheres. Porém, de forma inesperada e surpreendentemente, ele se converteu, tornando-se um homem cristão, zeloso, defensor e propagador do Evangelho de Cristo. A respeito dessas ocorrências, alguns críticos supõem que tenha sido o sentimento de culpa, como expõe Champlin:

“...o senso de culpa, reprimido durante anos, em face de suas perseguições e assassinatos contra os cristãos, teria subitamente explodido em experiências pseudomísticas, o que resultou em vir a ser justamente o contrário do que vinha sendo, ou seja, a sua conversão.”
(CHAMPLIN, 2011, p.894).

Sendo assim, muito provavelmente, a conversão de Paulo deu-se por meio de uma experiência mística da mais alta ordem, já que ele teve um encontro pessoal com o próprio Jesus Cristo. Tal fato o fez repensar toda trajetória de vida, fazendo-o arrepender-se de seus pecados e tornando-o um dos discípulos em que Jesus mais confiava, destacando-se como um dos maiores propagadores do cristianismo.

Conforme Champlin, a conversão é um exercício de arrependimento e da fé. É uma mudança que o indivíduo faz na mente e no coração, como aliança com Deus, tendo a fé o objetivo de fortalecer a confiança do cristão na palavra de Deus e no próprio Cristo, em busca de uma vida nova e principalmente de sua salvação. Observemos as seguintes constatações:

“As ideias bíblicas principais são o abandono da maldade e pecado, Jer.18:8, com a dedicação do ser a Deus, Mal.3:7. Deus é a força ativa

nesta virada. Jer.31:18. As pessoas que recusam esta operação espiritual terminam castigados, Amós 4:6-12. O Novo Testamento harmoniza-se com o Velho sobre este assunto. Atos 14:15, 26;18. A verdadeira conversão envolve fé e arrependimento, Atos 3:19, 26:18. A conversão pode vir de súbito, mas normalmente tem um longo tempo de preparação.” (CHAMPLIN, 2011, p.892).

Agora ele buscava uma vida longe da maldade e dos pecados, buscando sempre uma vida de proximidade com Deus por meio das orações constantes e das práticas do bem. Esses ideais, muito presentes nas narrativas bíblicas, aparecem também no conto rosiano, como mostraremos na análise.

A conversão a partir das ideias da Bíblia, tanto no Novo como no Antigo Testamento, está relacionada com o abandono do pecado, da maldade e a dedicação da nova vida a Deus. É em Deus que o indivíduo encontrará a força necessária para conseguir viver essa transformação. Tal fenômeno, conforme exposto por Champlin, pode ser repentino, mas, geralmente, é um processo longo, envolvendo toda uma preparação permeada por dificuldades. Na narrativa rosiana, a experiência de Nhô Augusto corresponde a esse processo. Ele teve que quase morrer para poder fazer uma análise de toda a sua vida, arrepender-se e se voltar para Deus. Este comportamento demonstra os elementos da conversão bíblica como podemos perceber na citação a seguir:

“A conversão consiste em uma meia volta na vida, em que a alma se volta para Deus. Nas páginas do Novo Testamento, a palavra *epistrepho* é utilizada para expressar essa ideia, e é aplicada tanto para os desviados, que retornam à sua anterior comunhão com Deus, como para os incrédulos, ao se voltarem para Deus”. (CHAMPLIN, 2011, p.893).

Assim, podemos perceber a conversão em dois pontos: no primeiro, a pessoa que já teve alguma experiência com Deus, mas se desviou, pode ainda voltar sua alma para Deus, retomando sua anterior comunhão. No segundo, o incrédulo volta-se para Deus, deixando o mundo das trevas, idolatria, dentre outros pecados cometidos.

Guardadas as proporções, esses dois aspectos mencionados acima estão presentes tanto na conversão de Paulo quanto na de Nhô Augusto. A conversão de Paulo foi algo bem pontual, pois ele nunca tinha tido nenhuma experiência com o Cristianismo. Nhô Augusto, por sua vez, já conhecia Cristo por meio do catolicismo popular, apesar de ser de forma cultural – ele frequentava procissões, festas de padroeiro, porém sem seguir os princípios fundamentais do cristianismo, participando dos eventos apenas com intenção de se exhibir para as outras pessoas como homem poderoso e proprietário de bens materiais, capaz de realizar todos os seus desejos.

A compreensão da salvação dentro da lógica cristã necessita do esclarecimento de alguns conceitos, como os que aparecem no *Dicionário Bíblico*, de John Lawrence Mckenzie:

“O arrependimento leva à salvação (2Cor 7,10). Os cristãos devem trabalhar pela sua salvação com temor e tremor (Fl 2,12). Essas passagens indicam que a salvação é um processo cujo término está no futuro. A salvação será revelada no último dia e os cristãos devem desenvolver-se até a plenitude da salvação”. (MCKENZIE, 2005, p. 836).

Desse modo, em relação ao enredo rosiano, podemos chegar à conclusão de que a hora e vez a que Augusto Matraga tanto se refere pode ser entendida como a hora da sua morte. Segundo o catolicismo, a hora da morte é um momento decisivo para o cristão, pois nesse momento será definido o destino da sua alma para viver na eternidade. A realização dessa conquista requer a perseverança do cristão na fé até o último instante de vida. Assim, ele precisa buscar a conversão diária, que acaba se tornando um processo ao longo da vida. É o que podemos constatar no trecho a seguir:

“A salvação será alcançada por quem perseverar até o fim (Mt 10,22; 24,13; Mc 13,13). É necessário perder a própria vida a fim de salvá-la (Mt 16,25; Mc 8,35; Lc 9,24). A salvação é a entrada no reino escatológico (Mt 19,25; Mc 10,26; Lc 13,23; 18,26). (MCKENZIE, 2005, p.836).

O ponto culminante desse processo é o encontro definitivo com Deus no seu reino. A escatologia bíblica, que trata de tal fenômeno, concebe a ressurreição final como etapa mais importante de um ciclo histórico, já superado pela transcendência espiritual. Vejamos a definição de Champlin, essencial para compreendermos o sentido de escatologia:

“Os termos gregos por detrás dessa palavra são *éschatos*, <<último>>, e *logos*, <<estudo>>. Portanto, a escatologia é o estudo das últimas coisas. E o termo grego cognato, *éschata*, significa <<últimas coisas>>. Esta em pauta a tradição profética relativa às últimas coisas que haverão de suceder nos lances finais do presente ciclo histórico.” (CHAMPLIN, 2011, p. 437).

Levando em consideração tais orientações, o cristão passa a ter o conhecimento de que existem outras possibilidades após a morte, não sendo apenas o encontro com o reino de Deus. A conversão se faz tão necessária ainda em vida. Isso significa que a salvação exige requisitos, o que impõe ao cristão firmeza e coerência em seus princípios e suas ações.

Quanto às possibilidades no pós-morte, além do Reino de Deus, Champlin nos reporta ao seguinte esclarecimento:

“O *hades* (correspondente ao *sheol* do Antigo Testamento) continua fazendo parte do estado intermediário. E o *hades* intermediário será lançado no inferno (lago do fogo) permanente, em Apocalipse 20:13. Mas, em contraste com isso, o trecho de 1 Ped.3:8 – 4:6 fala de uma missão misericordiosa no *hades*, de tal modo que seus habitantes ainda podem chegar a crer e participar da vida de Deus, conforme diz corajosamente, o trecho de 1Pedro 4:6.” (CHAMPLIN, 2011, p. 442).

Pela citação acima, podemos entender que, mesmo após a morte do corpo, a alma permanece viva e consciente. Se a alma for de um justo, já se encontra com Senhor no paraíso. Mas se a alma for de um ímpio, já se encontra no inferno. Tais lugares são vistos como temporários, antes do juízo final. Após esse grande dia, os justos serão introduzidos no céu e os injustos serão lançados de forma permanente no lago de fogo.

O que se observa em Guimarães Rosa, especialmente no desfecho, é a certeza de Nhô Augusto sobre a chegada de sua hora, consequência final de uma conversão anterior e da manutenção da fé. Seu sacrifício pela família é um ato heroico, perdendo a vida em nome de pessoas inocentes, sem pensar duas vezes. Sua morte é semelhante à de mártires, o que lhe garante, conforme sua crença, a entrada no Reino de Deus.

III – A ANÁLISE TEXTUAL

A análise mais aprofundada do processo de conversão de Nhô Augusto revela os elementos essenciais que o levam a essa transformação existencial tão complexa. O primeiro encontro de Nhô Augusto com o padre, que aparece representando a religião católica, é o ponto de partida para sua conversão, como podemos constatar na citação a seguir:

“Então eles trouxeram, uma noite, muito à escondida, o padre, que o confessou e conversou com ele, muito tempo, dando-lhe conselhos que o faziam chorar.” (ROSA, 2015, p.311).

Após a sua experiência de quase morte, com toda a humilhação e sofrimento vivido, ele decide deixar a vida de antes e se dedica a uma vida nova, pautada em muito trabalho e oração, em busca do perdão dos seus pecados e com o objetivo de entrar no reino do céu. Para isso, o padre o aconselha em relação ao que ele deve fazer ali por diante para chegar aos objetivos que ele tanto deseja:

“Você nunca trabalhou, não é? Pois, agora, por diante, cada dia de Deus você deve trabalhar por três, e ajudar os outros, sempre que puder. Modere esse mau gênio: faça de conta que ele é um poldro bravo, e que você é mais mandante do que ele... Peça a Deus assim, com esta jaculatória: Jesus, manso e humilde de coração, fazei meu coração semelhante ao vosso...” (ROSA, 2015, p.312)

Depois do aconselhamento do Padre, já podemos observar uma mudança na postura de Nhô Augusto: ele se arrepende dos seus pecados e vive uma busca incessante pela fé. Essa conversa com o padre é de suma importância, pois Nhô Augusto, até então, era um homem muito violento, de gênio mau, que só pensava em vingança. O padre, percebendo isso, o aconselha a se manter tão ocupado que não tenha tempo para pensar em se vingar dos seus algozes.

A fala do Padre deixa bem claro o quanto ele precisa aprender a dominar seus instintos, seu temperamento irascível. Walnice Nogueira Galvão enfatiza bem a importância da fala do Padre para a transformação de Nhô Augusto, como podemos perceber a seguir:

“O Padre, mistagogo da conversão, já encaminhara Matraga com suas admoestações e conselhos, ensinando-lhe para conter as manifestações do gênio violento uma reza que diz: Jesus, manso e humilde de coração, fazei meu coração semelhante ao vosso...” (GALVÃO, 2008, p.79)

Como podemos verificar, Galvão reforça a importância da conversa de Nhô Augusto com o Padre, como um grande passo para a transformação de sua própria existência a partir do controle do seu gênio tão violento. E, após esses diálogos, Nhô Augusto segue se recuperando na choupana com a ajuda dos pretos velhos:

“Meses não são dias, e a vida era aquela, no chão da choupana. Nhô Augusto comia, fumava, pensava e dormia. E tinha pequenas esperanças: de amanhã em diante, o lado de cá vai doer menos, se Deus quiser... (ROSA, 2015, p.312).

Na passagem dos dias, ele continua sob os cuidados do casal de pretos velhos. No processo de recuperação, pede a Deus a cada dia a diminuição da dor das feridas. Ele relembra as rezas que aprendidas na infância com a sua avó, como podemos verificar a seguir:

“E voltou a recordar todas as rezas aprendidas na meninice, com a avó. Todas e muitas mais, mesmo as mais bobas de tanta deformação e mistura: as que o preto engrolava, ao lavar-lhe com creolina a ferida da perna, e as que a preta murmurava, benzendo a cuia d’água, ao lhe dar de beber.” (ROSA, 2015, p. 312)

Ao perder o entusiasmo pela vida após todo o sofrimento, ele não se reconhece mais como o de antes. Por meio das rezas da infância e das que ouve dos pretos velhos, busca encontrar nova identidade, um novo motivo para sua existência. Maria Sylvia de Carvalho Franco faz uma excelente colocação sobre esse momento da vida de Nhô Augusto:

“...após os acontecimentos que destruíram seu antigo estilo de vida, perde contato com o exterior e fecha-se na busca de sua razão de ser.” (FRANCO, 1975, p.95).

Ele busca nova razão de ser, já que para ele tudo se acaba e até mesmo seu corpo não lhe apresenta mais serventia para nada. Nessas condições, ele se põe a rezar, como meio de salvação de sua alma. Isso fica bem nítido no trecho a seguir:

“E somente essas coisas o ocupavam, porque para ele, férias feitas, a vida já se acabara, e só esperava era a salvação da sua alma e a misericórdia de Deus Nosso Senhor. Nunca mais seria gente! O corpo estava estragado, por dentro, e mais ainda a ideia. E tomara um tão grande horror às suas maldades e aos seus malfeitos passados, que nem podia se lembrar; e só mesmo rezando.” (ROSA, 2015, p. 312).

É exatamente nessas práticas que vai se efetuando sua conversão, procurando vencer as conturbações. Segundo Champlin, as principais ideias bíblicas sobre conversão estão relacionadas com o abandono da maldade e do pecado (CHAMPLIN, 2011, p. 892); e Nhô Augusto está decidido a não voltar mais à vida de antes. É tanto que, só de lembrar das maldades que já tinha feito, ele se sente horrorizado.

Além do abandono das maldades e dos pecados, Nhô Augusto precisava de algo novo que o fizesse perseverar na busca de sua salvação. Champlin afirma que, para que haja uma conversão verdadeira, a pessoa deve buscar em Deus a força necessária para efetivar sua conversão. Ele bem coloca que a força ativa para essa virada é Deus; e que as práticas de conversão devem ser envolvidas de fé e arrependimentos (CHAMPLIN, 2011, p.892). Nhô Augusto, sabendo da importância dessas práticas para sua conversão, busca levar uma vida simples, com muitas rezas, arrependimentos e acima de tudo uma busca incessante de Deus.

Combatendo os sentimentos de fracasso e a falta de vontade de viver, procura alimentar a esperança de uma vida melhor. Franco faz uma análise relevante da vida de Nhô Augusto nesse momento:

“Tudo assolado, chega o princípio das dores. Pobre, solitário, traído, pouco resta de nhô Augusto. Dessa destruição inicial de sua natureza

pregressa começam a surgir sua personalidade e seus atributos fabulosos.” (FRANCO, 1975, p. 98)

Na passagem dos dias, ele experimenta grande angústia, mas começa a sentir alegria. Trata-se de uma transformação no mais íntimo do seu ser, o que é bem perceptível no trecho a seguir:

“Espantava as ideias tristes, e, com o passar do tempo, tudo isso lhe foi dando uma espécie nova e mui serena de alegria. Esteve resignado, e fazia compridos progressos na senda da conversão.” (ROSA, 2015, p. 312).

Observa-se um paralelo entre a cura de suas enfermidades físicas e de sua alma. Ele encontra um novo significado para sua existência, enquanto espera sua hora e vez. Esse reinício de vida é interpretado por Franco da seguinte forma:

“Esta metamorfose do personagem, de homem imperfeito a santo, dá-se ao mesmo tempo que, no fluxo dos eventos, o autor faz a passagem da realidade para um mundo ideal.” (FRANCO, 1975, p. 98)

Como observamos, Franco afirma que o personagem vai incorporando uma crença celestial inexistente em sua vida anterior. Temendo permanecer na choupana dos pretos velhos, a saída para o Tombador é reforçada com mais uma conversa do Padre.

“Quando ficou bom para andar escorando-se nas muletas que o preto fabricara, já tinha os seus planos, menos maus, cujo ponto de início consistia em ir para longe, para o sitiozinho perdido no sertão mais longínquo — uma data de dez alqueires, que ele não conhecia nem pensara jamais que teria de ver, mas que era agora a única coisa que possuía de seu. Antes de partir, teve com o padre uma derradeira conversa, muito edificante e vasta. E, junto com o casal de pretos samaritanos, que, ao hábito de se desvelarem, agora não o podiam deixar nem por nada, pegou chão, sem paixão”. (ROSA, 2015, p.312-313).

Um dos aspectos de sua conversão é a certeza de ir para o céu. Trata-se de convicção tão forte que, em um dado momento de euforia e felicidade, Nhô Augusto se ajoelha no meio da estrada, abre os braços em cruz e exclama jurando para os pretos velhos ouvir:

“— Eu vou p’ra o céu, e vou mesmo, por bem ou por mal!... E a minha vez há de chegar... P’ra o céu eu vou, nem que seja a porrete!... E os negros aplaudiram, e a turminha pegou o passo, a caminho do sertão.” (ROSA, 2015, p. 313).

Esse episódio é um dos mais representativos da mudança do personagem. É um gesto muito semelhante ao ato de entrega do passado a Cristo, o que não pode faltar no processo de conversão, que requer, dentre outras mudanças, o esquecimento do passado. Ao mostrar que quer alcançar o céu, ele passa a desprezar a vida terrena. Por isso, sua vida no Tombador entra em consonância com os conselhos do Padre, sempre com trabalho intenso e sem ganância nenhuma. É o que se pode constatar a seguir:

“Trabalhava que nem um afadigado por dinheiro, mas, no feito, não tinha nenhuma ganância e nem se importava com acrescentes: o que vivia era querendo ajudar os outros. Capinava para si e para os vizinhos do seu fogo, no querer de repartir, dando de amor o que possuísse. E só pedia, pois, serviço para fazer, e pouca ou nenhuma conversa.” (ROSA, 2015, p. 13-14)

Sua vida diária consiste em manter-se ocupado o tempo todo, sem pensamentos que o desviassem do caminho da conversão. Isso inclui reza aos domingos junto com as senhoras, ao ponto de ser considerado estranho e de pouca conversa.

Nhô Augusto compreende que sua hora e vez chegará, mas até lá ele tem que seguir os conselhos do Padre e esperar chegar o dia de sua salvação. Só a decisão diária, pela sua conversão, poderia o levar até a sua salvação. Segundo Mckenzie, o

arrependimento leva à salvação, os cristãos devem trabalhar diariamente pela sua salvação com temor e tremor; ele também afirma que a conversão é um processo que leva a salvação, mas o término desse processo só será revelado no futuro, já que a salvação só é revelada no último dia e até lá os cristãos devem desenvolver-se até atingir a plenitude da salvação (MCKENZIE, 2005, p. 836). Esse pensamento é bem evidente na transformação que Nhô Augusto sofre, após a sua conversa com o Padre.

Ao discernir a relevância do Padre na nova formação do personagem, Walnice Galvão o chama de “instrumento de sua salvação”. De fato, ele retoma várias vezes a fala do Padre sobre seu destino e jamais a questiona, reforçando, assim, suas convicções. A renúncia a desejos e práticas de sua vida anterior é caracterizada por Maria Sylvia Carvalho Franco nesses detalhes:

“Em nhô Augusto, apenas a orientação de sua própria vida condiciona a melhoria que busca: as promessas que tem em mira são de ordem puramente espiritual e sua indiferença ante o mundo vão e sem sentido se traduz na rigorosa disciplina ético-religiosa a que se submete. Uma orgulhosa solidão é a grande inimiga que combate e que vem a ser, ao mesmo tempo, o próprio fundamento de sua salvação.” (FRANCO, 1975, p.109)

Entretanto, apesar de toda sua segurança, ele ainda sofre tentações para a vida de pecados. É o que ocorre na passagem de Tião da Thereza pelo Tombador, com notícias muito negativas sobre o Murici:

“...a mulher, Dona Dionóra, continuava amigada com seu Ovídio... com a filha, sim, é que fora uma tristeza: crescera sã e se encorpora uma mocinha muito linda, mas tinha caído na vida...O Major Consilva prosseguia mandando no Murici... Mas o mais mal-arrumado tinha sido com o Quim, seu antigo camarada, o pobre do Quim Recadeiro — “Se alembra?” — Pois o Quim tinha morrido de morte-matada, com mais de vinte balas no corpo, por causa dele, Nhô Augusto: quando soube que seu patrão tinha sido assassinado, de mando do Major, não tivera dúvida: ...jurou desforra, beijando a garrucha, e não esperou café coado! Foi cuspir no canguçu detrás da moita, e ficou morto, mas já dentro da sala-de-jantar do Major, e

depois de matar dois capangas e ferir mais um...” (ROSA, 2015, p. 315).

Ao ouvir tanta coisa desagradável, ele se assume como outro, confirmando a Tião da Thereza a morte do Nhô Augusto das Pindaibas. Trata-se de uma vitória de sua nova vida, mas esse encontro com Tião acaba desestabilizando Nhô Augusto, porque uma tristeza começa a tomar conta dele, e junto com essa ela vem uma vontade de vingar-se ao menos da morte do Quim. Mas, por outro lado, ele se sente fraco, na dualidade entre o bem e o mal. Essas tensões, assim como caracterizam sua falta de força, revelam também um avanço significativo de suas novas opções. Segundo Galvão, isso é bem comum no cristianismo:

“...uma das idéias fundamentais no cristianismo é a de uma psicomaquia, uma perpétua batalha interior, em que os opostos em choque passaram para arena da alma humana. Em cada um de nós há dois que se combatem.” (GALVÃO, 2008, p.54).

Na luta contra si mesmo – seus pensamentos e desejos –, o recurso aos conselhos do Padre e às lembranças da violência sofrida é decisivo para dar continuidade a sua conversão:

“Você, em toda sua vida, não tem feito senão pecados muito graves, e Deus mandou estes sofrimentos só para um pecador poder ter a ideia do que o fogo do inferno é!...” Sim, era melhor rezar mais, trabalhar mais e escorar firme, para poder alcançar o reino-do-céu.” (ROSA, 2015, p. 316).

Nesse momento, dado o acúmulo de tormentos, a confissão aos pretos velhos é uma forma de dividir suas angústias, como podemos confirmar a seguir:

“Apenas, Nhô Augusto se confessou aos seus pretos tutelares, longamente, humanamente, e foi essa a primeira vez. E, no fim,

desabafou: que era demais o que estava purgando pelos seus pecados, e que Nosso Senhor se tinha esquecido dele!” (ROSA, 2015, p. 316)

Escutado pelos pretos velhos, esse momento de tentação é visto como coisa do demônio. Sua firmeza em não voltar à vida de antes, apesar de algumas fragilidades, reitera sua prática de acomodar-se aos sofrimentos e ir lidando com eles, sem deixar-se vencer. Mesmo com momentos de tristeza, ele sente transformações, ao ponto de reforçar-se uma a consciência nova. Uma das cenas mais reveladoras disso é aquela em que ele se mostra feliz a Mãe Quitéria:

“Então, tudo estava mesmo muito mudado, e Nhô Augusto, de repente, pensou com a ideia muito fácil, e o corpo muito bom. Quis se assustar, mas se riu:

— Deus está tirando o saco das minhas costas, mãe Quitéria! Agora eu sei que ele está se lembrando de mim...”

(ROSA, 2015, p. 318)

A escolha de uma pacífica é insubstituível como caminho para a realização de sua meta. Sua determinação ante as surpresas de Joãozinho Bem-Bem é exemplar dessa questão. Enquanto os moradores do Tombador ficam apavorados com o bando dos jagunços, ele é o único a abordá-lo, mas com acolhimento e paz. A oferta de estadia ao bando, a não-aceitação de fazer parte deles, a admiração pelo líder (mas sem tornar-se jagunço), mostram a subsistência da sua força, ainda que o convite de Bem-Bem lhe inspire vontade de vingança. Mas o que de fato prepondera é a sua decisão de ficar no Tombador: ele sabe que poderia perder todo o tempo dedicado à sua conversão a Deus e não conseguiria entrar no céu. Mas na cena podemos perceber o quanto ele se sentiu tentado:

“Quer se amadrinhar com meu povo? Quer vir junto?

— Ah, não posso! Não me tenta, que eu não posso, seu Joãozinho Bem-Bem...

— Pois então, mano velho, paciência.

— Mas nunca que eu hei de me esquecer dessa sua bizarria, meu amigo, meu parente, seu Joãozinho Bem-Bem!” (ROSA, 2015, p. 324).

Nhô Augusto esquivou-se, conseguindo ser mais forte que seus desejos. Mas é perceptivo como ainda existem traços da sua personalidade de antes e como ele tem que lutar contra isso, pois faz parte do seu processo superação de si próprio. Galvão faz umas considerações relevantes sobre isso:

“Matraga atravessa minuciosamente todo o processo de santidade, mas os esforços para ser asceta contrariam sua índole. Ele é um guerreiro, e é como guerreiro que irá se tornar santo. Difícil foi-lhe aceitar a predestinação.” (GALVÃO, 2008, p.72)

Nhô Augusto decide não arriscar-se à perda das conquistas contra o passado, à custa de muito trabalho, penitência e oração. Qualquer recuo poderia atrapalhar o seu caminho rumo ao céu, o que o coloca em contradição: de um lado, animado, convicto de sua salvação; de outro, chega ao ponto de sentir falta das mulheres, com lembranças da vida antiga com mais constância, mas pondo-se sempre em ação penitente. Percebe-se, assim, que sua conversão não é linear, porque ele enfrenta dificuldades.

Um momento de solidez e maturidade dessa fase é demonstrado na necessidade de deixar o Tombador e ir em busca da sua hora e vez. O casal de pretos velhos tentara convencê-lo a ficar, mas nada o faz mudar de ideia, ainda que ele não saiba ao certo para onde ir, como podemos ver a seguir:

“— Adeus, minha gente, que aqui é que mais não fico, porque a minha vez vai chegar, e eu tenho que estar por ela em outras partes!
— Espera o fim das chuvas, meu filho! Espera a vazante...
— Não posso, mãe Quitéria. Quando coração está mandando, todo tempo é tempo!... E, se eu não voltar mais, tudo o que era de meu fica sendo para vocês.” (ROSA, 2015, p. 328)

Nhô Augusto está convencido de que é o momento de partir, que Deus coloca em seu coração esse desejo de encontrar seu destino em outros lugares. Ao partir, sabendo da possibilidade de não poder voltar mais, deixa esclarecido que o casal de

pretos velhos pode ficar com tudo dele. Isso significa renúncia aos bens materiais e a procura de alegria em uma vida espiritual, sem posses. Na partida, seu bem maior é o jumentinho que o leva pela estrada. Sua vida é a observação de paisagens, a surpresa com as belezas naturais, o encontro com pessoas boas que lhe dão comida e, algumas vezes, lugar para dormir. Com isso, o sentimento da presença de Deus com ele lhe traz uma mudança nunca sentida antes, como se confirma na seguinte passagem:

“E aí o jumento andou, e Nhô Augusto ainda deu um eco, para o cerrado ouvir:

- “Qualquer paixão me adiverte...” Oh coisa boa a gente andar solto, sem obrigação nenhuma e bem com Deus!...”

(ROSA, 2015, p. 330-331)

Não há dúvida em relação à mudança que Nhô Augusto sofre em sua personalidade. Essa transformação se dá por meio da confiança que ele tem em Deus, como bem coloca Champlin quando afirma que a conversão consiste em a alma voltar-se para Deus (CHAMPLIN, 2011, p.893). É notório que Nhô Augusto atinge uma vida desinteressada, próxima ao que o catolicismo interpreta como santidade, quando alguém revela plena comunhão com Deus. Daí a paz e a certeza da salvação.

Como se vê no enredo, a busca da salvação final não faz Nhô Augusto precipitar-se, como fica bem claro nos momentos de descanso e reza, assim como o total respeito ao ritmo do jumento:

“E quando o jegue empacava – porque, como todo jumento, ele era terrível de queixo-duro, e tanto tinha de orelhas quanto de preconceitos –, Nhô Augusto ficava em cima, mui concorde, rezando o terço, até que o jerico se decidisse a caminhar outra vez. E também, nas encruzilhadas, deixava que o bendito asno escolhesse o caminho, bulindo com as conchas dos ouvidos e ornejando.” (ROSA, 2015, p. 330).

A falta de dúvida sobre o destino final, certo de que Deus o guia através dos sinais da natureza e das escolhas do jumento, a chegada ao arraial do Rala-Coco não o surpreende em nada, ao menos antes do conflito com Joãozinho Bem-Bem. Assim, vive outra grande contradição: a alegria de rever um amigo, que já o chama de “meu

parente”, mas sem saber que é sua última relação com ele. Esse segundo encontro também representa novas tentações para Nhô Augusto:

“...eu gostei da sua pessoa, em-desde a primeira hora, quando o senhor caminhou para mim, na rua daquele lugarejo... Já lhe disse, da outra vez, na sua casa: o senhor não me contou coisa nenhuma de sua vida, mas eu sei que já deve de ter sido brigador de ofício. Olha: eu, até de longe, com os olhos fechados, o senhor não me engana: juro como não há outro homem p’ra ser mais sem medo e disposto para tudo. É só o senhor mesmo querer...” (ROSA, 2015, p. 333)

Apesar de Nhô Augusto se negar pela segunda vez a seguir com o bando, Joãozinho Bem-Bem insiste veementemente. Essa insistência pode ser lida como apelo do mal, sobretudo quando Bem-Bem usa de vários argumentos para que ele deixe a vida de oração, por não ser padre nem frade. Com isso, Bem-Bem dá a entender que já percebeu que Nhô Augusto já foi muito bom de briga. Porém, sua resistência, mesmo com o desejo de juntar-se ao bando e poder usar aquelas armas que ele tanto apreciava, é sua resposta final ao retorno tão fácil à vida errante. É o que podemos verificar a seguir:

“E os seus dedos tremiam, porque essa estava sendo a maior das suas tentações. Fazer parte do bando de seu Joãozinho Bem-Bem! Mas os lábios se moviam — talvez ele estivesse proferindo entre dentes o creio-em-deus-padre — e, por fim, negou com a cabeça, muitas vezes: — Não posso, meu amigo seu Joãozinho Bem-Bem!... Depois de tantos anos... Fico muito agradecido, mas não posso, não me fale nisso mais...” (ROSA, 2015, p. 333).

Nhô Augusto está sendo tentado, porém é muito firme na sua resposta a Joãozinho Bem-Bem. Ele está determinado a ir até o fim em busca de sua salvação. Não se deixa levar por suas vontades e seus desejos. A firmeza de Nhô Augusto nos mostra a importância da perseverança na conversão. Ele renuncia às vontades da carne e da vingança, apegando-se aos preceitos de Deus. Essa atitude é condizente com a afirmação de Mckenzie sobre a salvação: ela só será alcançada com a perseverança de atingir o reino de Deus. (MCKENZIE, 2005, pág. 836)

Nhô Augusto sabe que sua recuperação foi uma segunda chance que Deus lhe deu de arrepender-se dos seus pecados e se converter. Depois de toda essa jornada de manutenção da sua fé, ele não pode desistir agora, como bem coloca Galvão em seu texto:

“Os sofrimentos de Matraga, não só os do corpo mas sobre tudo o da alma, ao perceber quanta maldade fizera, são considerados como uma amostra do inferno, que Deus em infinita misericórdia concedeu para que se dedicasse à salvação da alma” (GALVÃO, 2008, p. 78).

Como bem afirma Galvão, ele sofreu muito para jogar essa nova oportunidade fora. Então, Nhô Augusto continua firme na sua transformação e Joãozinho Bem-Bem, mesmo sem compreender sua decisão, respeita. A cena dá a entender, a princípio, que Nhô Augusto não tem nada importante a fazer ali. Mas a notícia do assassinato de Juruminho, e da vingança a ser feita pelos jagunços, muda tudo. A família do jovem assassino, sem culpa do ocorrido, é que vai pagar pela “lei” de Joãozinho Bem-Bem. O que chama a atenção de Nhô Augusto, além do absurdo da vingança, é que o pai do rapaz, já velho, pede perdão ao jagunço em nome de Nosso Senhor e o vingador despreza tudo. Diante dessa situação, Nhô Augusto intercede pelo pobre pai, mas Joãozinho Bem-Bem não se compadece e continua insistindo na vingança toda a família. O desafio de Nhô Augusto motiva a seguinte indagação do vingador:

“— Você está caçoando com a gente, mano velho?
— Estou não. Estou pedindo como amigo, mas a conversa é no sério, meu amigo, meu parente, seu Joãozinho Bem-Bem.
— Pois pedido nenhum desse atrevimento eu até hoje nunca que ouvi nem atendi!...” (ROSA, 2015, p.335)

Percebendo a intransigência do amigo, Nhô Augusto, tomado por um sentimento de felicidade e entusiasmo, compreende, finalmente, a chegada de sua hora e vez, exclamando em voz alta “— Epa! Nomopadrofilhospritosantamêin! Avança, cambada de filhos-da-mãe, que chegou minha vez!...” (ROSA, 2015, p.335)

A convicção da chegada de sua hora mais esperada deriva, dentre outras causas, de o velho clamar pela Virgem Maria, pelo corpo de Cristo na sexta santa, como santos mártires consagrados pela Igreja. Nhô Augusto, diante da falta de compaixão do

jagunço, deduz que seu destino é intervir pelo pobre velho e sua família. Galvão faz observação criativa dessa cena:

“A alegria de Matraga durante toda a cena final é a alegria dos mártires, da alma que, enfrentando a provação, reconhece que está prestes a integrar-se em Deus, passando pelo sacrifício do corpo. Esse sacrifício, se não é voluntário e alegre, feito com a face resplandecente, não terá validade. Pois, do ponto de vista do mártir, que prêmio maior pode ele visar senão a oportunidade que lhe dará a misericórdia divina de alcançar a coroa dos santos mediante o martírio?” (GALVÃO, 2008, p. 80)

O duelo final entre Nhô Augusto e Joãozinho Bem-Bem é inesperado, porque os dois criam laços de carinho e respeito, como se fossem da mesma família.

— Se entregue, mano velho, que eu não quero lhe matar...
 — Joga a faca fora, dá viva a Deus, e corre, seu Joãozinho Bem-Bem...
 — Mano velho! Agora é que tu vai dizer: quantos palmos é que tem, do calcanhar ao cotovelo!...
 — Se arrepende dos pecados, que senão vai sem contrição, e vai direitinho p’ra o inferno, meu parente seu Joãozinho Bem-Bem!...
 — Úi, estou morto...
 A lâmina de Nhô Augusto talhara de baixo para cima, do púbis à boca-do-estômago, e um mundo de cobras sangrentas saltou para o ar livre, enquanto seu Joãozinho Bem-Bem caía ajoelhado, recolhendo os seus recheios nas mãos.” (ROSA, 2015, p. 336)

Finalmente, Nhô Augusto tem sua hora e vez. Saindo da paz cultivada há anos, essa renúncia, porém, é para uma prática de bem – a salvação de uma família e, por extensão, de todo o arraial. Nesse dar-se por outros, confirma um dos maiores princípios do cristianismo, o amor ao próximo, da forma mais radical possível. Chamado pela a população de “Homem do Jumento”, essa proximidade com o redentor é interpretada por Galvão da seguinte forma: “A imitação de Cristo vai sorrateiramente se acentuando.”

De fato, a morte de Nhô Augusto não é de infelicidade, mas de satisfação e alegria. Mesmo coberto de sangue, morre com um rosto sereno e um sorriso na boca,

morre satisfeito com sua missão. Seu fim não é apenas de um cristão convertido, morre de um santo típico do catolicismo: aquele que dá a vida por seus semelhantes, tendo enfim toda a certeza de ir para o céu. Na interpretação de Galvão:

“Essa alegria é potencializada pela realização do martírio segundo sua índole: um auto-sacrifício na forma da luta com armas. O prazer de brigar, natural para o homem velho, renegado para o homem novo, acopla-se aqui à imitação de Cristo, ao dar a vida por seus semelhantes. Assim o primeiro homem e o segundo homem se realizam harmoniosamente, resolvida a psicomaquia, no terceiro, o santo-guerreiro”. (GALVÃO, 2008, p. 80)

Como bem coloca Galvão acima, Nhô Augusto tem seu final unindo o homem de antes, que gostava de lutas, brigas, com o novo homem, que só vive para o trabalho, faz suas penitências, reza e ajuda as pessoas. A partir da junção desses dois homens, nasce um terceiro, o que ela chama de “santo-guerreiro”. É assim que, após longa trajetória de obras de misericórdia, penitência e orações, a conversão de Augusto Matraga é consumada, pois o personagem sacrifica-se para salvar uma família do mal. Esse traspassamento de Nhô Augusto se assemelha à vida dos santos mártires, deixando-se morrer pela fidelidade e por amor a Deus e aos outros.

.....

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O desenvolvimento do presente estudo possibilitou uma análise da conversão no conto “A hora e vez de Augusto Matraga”, tendo como objetivo a compreensão da transformação do personagem Nhô Augusto, que inicia o conto como uma figura má e, após a experiência de quase morte, muda sua postura, tornando-se um homem bom, piedoso.

O trabalho foi de grande importância para ampliação dos conhecimentos adquiridos ao longo do curso, para minha vida profissional e pessoal.

Este estudo também traz contribuições para o meio acadêmico, já que o conto em questão é um dos mais lidos da literatura brasileira, devido ao fato de o autor ter sido um dos mais importantes representantes do regionalismo brasileiro, característica da terceira fase do modernismo.

BIBLIOGRAFIA

ROSA, João Guimarães. *Sagarana*: coleção 50 anos. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2015. Disponível em: <https://elivros.love/livro/baixar-livro-sagarana-joao-guimaraes-rosa-em-epub-pdf-mobi-ou-ler-online> Acessado em: 26/07/2023.

CHAMPLIN, Russell Norman. *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia*. 10. ed. São Paulo: Hagnos, 2011. v.1.

CHAMPLIN, Russell Norman. *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia*. 10. ed. São Paulo: Hagnos, 2011. v.2.

MCKENZIE, John L. *Dicionário Bíblico*. 9. ed. São Paulo: Paulus, 2005.

GALVÃO, Walnice Nogueira. *Mínima mímica*: ensaios sobre Guimarães Rosa. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

FRANCO, Maria Sylvia de Carvalho. “A Vontade Santa”. *Transformação*: Revista de Filosofia da Unesp, 1975. Disponível em: <https://revistas.marilia.unesp.br/index.php/transformacao/article/view/12000> Acesso em: 19/12/2023.